



Relatório de Autoavaliação

Opinião da Comunidade Educativa

Ano letivo 2015/2016

O RELATÓRIO DE AUTOAVALIAÇÃO: OPINIÃO DA COMUNIDADE EDUCATIVA foi realizado pelo Conselho para a Qualidade e Avaliação durante o ano letivo 2016 e entregue à Sr.ª Presidente da ESEnfC em 27.12.2016. Este documento está disponível no CQA e pode ser consultado pela Comunidade Educativa mediante solicitação prévia.

O presente documento-síntese é composto pelo índice, introdução, resumo do corpo de texto e nota final do documento integral.



Dezembro 2016

Conteúdo

Siglas	4
INTRODUÇÃO.....	5
1 - ESTUDANTES.....	7
1.1 – Integração dos estudantes do 1º ano do CLE.....	7
1.2 – Comentário/análise dos resultados, apresentado Conselho Pedagógico.....	7
1.3 – Funcionamento da Escola: Opinião dos estudantes.....	8
1.4 – Opinião dos estudantes acerca das unidades curriculares e docentes (Por ano/semestre)	8
1ºAno – (1 e 2º semestre)	9
2ºAno – (3º semestre).....	10
2ºAno – (4º semestre).....	10
3ºAno – (5ºsemestre).....	11
3ºAno – (6º Semestre) - Ensino clínico - Cuidados Primários / Diferenciados n=363	12
4ºAno – (7º Semestre) - Ensino clínico - Cuidados Primários / Diferenciados n=288	13
4ºAno – (8ºsemestre).....	13
1.5 – Comentário/análise dos resultados, apresentado pelo diretor do CLE	14
1.6 – Atividades extracurriculares dos estudantes	15
1.7 – Pós-Licenciaturas e Mestrados.....	16
Curso de Mestrado em Enfermagem	16
Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem Comunitária.....	16
Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria	16
Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria.....	16
Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia	17
Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia	17
VI Mestrado/PLic Especialização em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia	17
Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem Médico-Cirúrgica – Março.....	17
Curso de Mestrado em Enfermagem Médico-Cirúrgica – Março	18
Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria	18
Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria	18
Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Reabilitação.....	18
Curso de Mestrado em Enfermagem de Reabilitação.....	18
1.8 – Curso de Pós-Graduações.....	19
Pós-Graduação em Enfermagem do Trabalho	19
Pós-Graduação Envelhecimento, Saúde e Cidadania	19

1.9 – Dissertações.....	19
Opinião de estudantes de mestrado acerca da dissertação	19
1.10 – Mobilidade.....	21
Estudantes entrados.....	21
Estudantes saídos	21
1.11 – Opinião dos estudantes sobre o ciclo de estudos (CLE)	21
1.12 – Abandono escolar.....	22
Curso de licenciatura 2015-2016.....	22
Cursos de mestrado e de pós licenciatura 2014-2015 e 2015-2016	23
2 – DOCENTES.....	24
2.1 – Opinião dos docentes acerca das unidades curriculares que lecionam.....	24
2.2 – Satisfação dos docentes	24
2.3 – Mobilidade.....	26
Docentes saídos.....	26
3 – NÃO-DOCENTES.....	26
3.1 – Dados recolhidos por questionário	26
4 – TUTORES DE ENSINO CLÍNICO E ENFERMEIROS CHEFES	27
4.1 – Opinião dos enfermeiros tutores de ensino clínico.....	27
4.2 – Opinião dos enfermeiros chefes/gestores dos serviços com estudantes em EC	28
5 – NOVOS GRADUADOS E ENTIDADES EMPREGADORAS	29
5.1 – Opinião dos novos graduados	29
Opinião dos Licenciados pela ESEnfC em 2015, um ano após o término do curso (julho 2016).....	29
Opinião dos Licenciados pela ESEnfC em 2014, dois anos após o término do curso (julho 2016).....	30
5.2 – Comentário/análise dos resultados, apresentado pela Unidade Diferenciada de Apoio aos Novos Graduados	30
6 – NOTA FINAL	31

Siglas

AO – Assistente Operacional

AT – Assistente Técnico

CLE – Curso de Licenciatura em Enfermagem

CP – Conselho Pedagógico

CQA – Conselho para a Qualidade e Avaliação

CTC – Conselho Técnico Científico

EC – Ensino clínico

ESEnfC – Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

ESTSC – Escola Superior de Tecnologias da Saúde de Coimbra

GRNI – Gabinete de Relações Nacionais e Internacionais

PL – Prática Laboratorial

RH – Recursos Humanos

SANG – Serviço de Apoio a Novos Graduados (Unidade diferenciada de Apoio a Novos Graduados)

TS – Técnico Superior

UC – Unidade Curricular

UCP – Unidade Científico Pedagógica

INTRODUÇÃO

Num contexto de profundas mudanças sociais, nacionais e internacionais, e da necessidade constante de (re)definição de critérios de qualidade que reforcem o Sistema Interno de Garantia da Qualidade, o processo de autoavaliação da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC) e dos seus cursos, continua a ser uma ferramenta indispensável no diagnóstico, orientação e intervenção a nível dos princípios de qualidade, aplicada em consonância com os eixos estratégicos da Escola.

O processo de autoavaliação é assumido pelo Conselho para a Qualidade e Avaliação (CQA) como estratégico na condução da melhoria contínua, desenvolvimento e consolidação da Escola e inscreve-se na Política de Garantia da Qualidade. Esta, assenta no envolvimento de toda a comunidade educativa, através da participação aos diferentes níveis, desde a emissão de opinião, ao desenho de medidas de melhoria e monitorização da sua implementação; garante que a oferta formativa se encontra ajustada às exigências do mercado de trabalho e aos novos desafios sociais, através da qualificação dos colaboradores (docente e não docentes), da ligação do ensino à investigação e da prestação de serviços especializados à comunidade; prevê a existência de procedimentos devidamente documentados, bem como a definição de estratégias e metodologias de acompanhamento e monitorização, metas, calendarização e níveis de responsabilidade.

A realização da avaliação interna da ESEnfC, no âmbito das atividades do CQA, é espelhada no presente relatório de autoavaliação. A informação sobre a opinião dos estudantes, docentes sobre as unidades curriculares, tutores de EC e Enfermeiros Chefes/Gestores reporta-se ao ano letivo 2015/2016 e a opinião dos docentes e não docentes relativamente à satisfação com os serviços e setores da escola reporta-se ao presente ano civil (2016).

Este documento representa um dos instrumentos para a persecução dos objetivos da Escola e pretende contribuir para mais análise e reflexão sobre a consolidação da política de qualidade e a tomada de decisão informada. Todos os dados podem ser importante objeto de análise e consequente intervenção, conforme seja considerado adequado.

Além dos dados apresentados neste documento, outros há bastantes relevantes produzidos pelo CQA, pois desenvolveram-se vários procedimentos inscritos nos processos de garantia da qualidade. Servem como exemplo, a divulgação; a realização de algumas auditorias internas, nomeadamente às dissertações de mestrado, aos cursos livres de línguas estrangeiras; aos dossiers de ano/curso; procedimentos da UICISA:E, etc., cujos resultados foram enviados ao setor respetivo e à Presidência.

Os dados descritivos são apresentados resumidamente e em alguns casos é apresentado entre parêntesis o número correspondente à frequência de respostas. A eventual perda de informação discriminante originada pela apresentação agregada dos dados/resultados, que se poderia considerar existir, é superada através da utilização da seguinte metodologia prévia: a cada docente são disponibilizados pelo sistema informático os seus dados/resultados individuais no final de cada semestre; do conjunto destes dados/resultados resulta um relatório global da unidade curricular (UC) disponibilizado ao regente da UC; do somatório dos relatórios semestrais disponibilizados aos regentes, são produzidos pelo CQA relatórios semestrais. Estes são disponibilizados ao respetivo coordenador de cada semestre do CLE, conforme Guia das Boas Práticas da Coordenação de Cursos e em conjunto são enviados ao diretor do CLE ou do curso de PL/mestrado, conforme o caso.

O relatório de autoavaliação que se apresenta é estruturado em capítulos alinhando os grupos existentes na comunidade educativa com as normas do CQA (cf. Manual de Procedimentos do Conselho para a Qualidade e Avaliação, versão de outubro de 2014 - atualmente em revisão).

O primeiro capítulo refere-se às opiniões dos estudantes e está organizado em subcapítulos cuja sequência diz respeito às normas de 002CQA a 007CQA. Inicia-se pelo estudo referente à integração dos estudantes e à sua opinião sobre o funcionamento da escola, em sequência apresentam-se os dados dos diferentes

anos/semestres do CLE e depois dos cursos de pós-licenciatura/mestrado e pós-graduação. O segundo capítulo é alusivo à opinião dos docentes sobre o funcionamento da escola e sobre as unidades curriculares que lecionam, abrangendo as normas de 008CQA a 010CQA. O terceiro capítulo aborda a informação alusiva aos funcionários não-docentes no que diz respeito à sua opinião (norma 011CQA). O quarto capítulo envolve as opiniões dos tutores em ensino clínico e as opiniões dos enfermeiros chefes (norma 012CQA e norma 013CQA). No quinto capítulo são mencionadas as opiniões dos novos graduados e das entidades empregadoras (norma 014CQA e a norma 015CQA). Foram incorporadas, nos respetivos capítulos as análises críticas recebidas dos coordenadores de órgãos/unidades/cursos.

Deixamos expresso um agradecimento a todos os que têm possibilitado os caminhos de melhoria e a consolidação do sistema interno de garantia da qualidade, bem como a concretização deste documento, quer pelo preenchimento dos questionários, quer pela partilha de ideias ou sugestões ou por qualquer outra forma de colaboração.

1 - ESTUDANTES

1.1 – Integração dos estudantes do 1º ano do CLE

Apresentamos os dados da opinião dos estudantes do 1º ano do CLE relativamente à sua integração na ESEnfC, no momento inicial realizado em setembro de 2015 (n=313) e no final do 1º semestre, abril de 2016 (n=17).

Os estudantes manifestaram nível de satisfação elevada (59,7%) e muito elevada (33,9%) relativamente à receção pelos representantes dos órgãos da Escola. As justificações focam-se no bom acolhimento/receção, palestras esclarecedoras e motivadoras, com elevada qualidade, boa organização, convívio agradável, identificação dos representantes da Escola, identificação/pertença com a Escola.

Em relação à participação dos colegas de outros anos, os estudantes recém-chegados ficaram muito satisfeitos (muito elevado 51,1% e elevado 42,5%) afirmando que facilitaram a integração, foram disponíveis, acolhedores, simpáticos, prestáveis, esclarecedores, solidários, motivadores, organizados, acessíveis, criativos, “foi muito importante ter um grupo de estudantes mais velhos no nosso lado”.

A interação com os professores deteve nível de satisfação elevada por 52,7% e média por 26,8%. Maioritariamente os estudantes referiram ter havido por parte dos professores boa/importante interação, professores simpáticos e disponíveis, prestáveis, acessíveis, bom acolhimento, professores motivadores/entusiastas. Preocupação com o bem-estar dos alunos. Houve uma ou outra referência a pouca interação com os professores e ao facto de terem conhecido poucos professores.

O conjunto global das atividades foi manifestamente satisfatório com 65,5% dos estudantes a pontuarem no nível elevado e 13,7% no muito elevado. Apresentando como justificação: Atividades muito importantes, interessantes, bastante educativas e enriquecedoras, esclarecedoras, boa organização, ...

Houve sugestões / observações de: Redução do tempo das atividades/palestras e atividades mais interativas; palestras cansativas e com poucas pausas e de melhor organização e respeito pelos timings.

No Final do semestre, a maioria dos estudantes referiu a “muita” importância que atribui a este tipo de atividades e referiu também que esta forma de receção/tipo de atividades contribui para facilitar a sua vida na Escola. Não houve qualquer estudante a atribuir “pouca importância” a este tipo de atividades.

O momento em que foi dada a informação sobre os serviços/setores da Escola foi considerado adequado por 88,2% dos estudantes. 76,5% gostaria de vir a participar na receção a novos colegas.

1.2 – Comentário/análise dos resultados, apresentado Conselho Pedagógico

No seguimento da receção, apreciação e análise do Relatório referente à integração dos Estudantes do 1º ano, ano letivo 2016/2017, enviado pelo CQA ao Conselho Pedagógico (CP), o CP, em reunião ordinária de 19/12/2016, considera, em termos gerais, que é de realçar a continuidade de uma apreciação global de nível elevado e da atribuição de muita importância às atividades do programa de integração dos novos estudantes.

Este Conselho destaca ainda o crescente envolvimento dos estudantes de referência registando-se um aumento gradual dos estudantes que se voluntariam e a opinião positiva dos novos estudantes sobre a sua prestação.

A repensar no futuro: ...

1.3 – Funcionamento da Escola: Opinião dos estudantes

A análise realizada refere-se à síntese das opiniões quer expressas nas questões fechadas numa escala de 1 a 5, quer nas respostas abertas.

São apresentados alguns itens, dos mais pontuados e de pontuação mais baixa, no sentido de permitir a reflexão para a melhoria dos processos.

Apresenta-se, também, a síntese das respostas mais frequentes às perguntas abertas sobre os serviços e setores e algumas sugestões deixadas.

Os serviços e setores mais cotados, no que se refere à satisfação dos estudantes, são: Funcionamento dos serviços de higiene e limpeza (3,93); Funcionamento dos serviços de receção (3,92); Funcionamento dos serviços de cafetaria (bar) (3,87).

Os menos cotados em termos de satisfação, são: Adequação dos espaços letivos ao número de estudantes (2,88); Atendimento/relação com a Técnica de serviço social (3,05); atividades extracurriculares (3,15).

Pontos fortes e pontos fracos **mais referenciados** pelos estudantes com os serviços e setores da Escola.

Pontos fortes: Qualidade dos profissionais (docentes e não docentes); Disponibilidade de recursos e serviços; Oferta de oportunidades (possibilidade de investigação, atividades extracurriculares, cursos de línguas, língua gestual, ERASMUS, conferências, oportunidades de aprendizagem/boa preparação, disponibilidade e facilidade de acesso à médica/enfermeira/bom serviço de saúde escolar, qualidade do ensino, atendimento pelas funcionárias da cafetaria (Bar) Pólo A.

Pontos fracos: Serviços de refeitório (funcionamento, diferença entre a ementa e o servido, comida fria, ...); Aulas com presença obrigatória; Calendário escolar; Ensinos Clínicos (em alguns locais exigência de deslocações, alterações no 2º ano ...); Serviço de reprografia (mau funcionamento do computador, horário, tempo de resposta, ...); Práticas laboratoriais (funcionamento, sobreposição com frequências, numero elevado de alunos ...); Algumas salas de aula (auditório, condições ambientais, falta de cadeira, ...); Os cursos livres de língua estrangeira (variedade, horário, nível, ...); Falta de locais disponíveis na Escola para poder trabalhar; Os serviços informáticos (incapacidade de resposta, qualidade dos computadores, dificuldade de acesso à internet, falhas na página, ...); Serviços de cafetaria (bar) (filas, ...); Serviços académicos (Ineficácia, atendimento, ...).

Algumas Sugestões: Deveria dar-se mais importância à criação de condições nas salas/auditórios para as aulas/alunos por turma; Cursos de línguas com diferentes níveis, opções e horários; Terminar as aulas/estágio no final de Junho; Haver tempo fora de aulas em que fosse possível praticar nos laboratórios; Algumas unidades curriculares não deviam ser de cariz opcional, mas sim obrigatório; Diminuir a diferença entre serviços num e noutro Pólo (cafetaria, reprografia, refeitório, serviço de documentação); A quantidade de alunos nas PL's é demasiada; Melhor o acesso à pasta académica/informação disponível; Melhorar a biblioteca (barulho, limitar o acesso).

Relativamente à questão colocada aos estudantes se conheciam outras Escolas/ Instituição(ões) de Ensino Superior, 69.01% responderam que sim. Aos estudantes que responderam afirmativamente, foi questionado “como situa a ESEnC comparativamente a essa(s) Escola(s) / Instituição(ões)” tendo sido obtido um valor médio de 3,52.

1.4 – Opinião dos estudantes acerca das unidades curriculares e docentes (Por ano/semestre)

1ºAno – (1 e 2º semestre)

A análise que se apresenta refere-se de forma sintetizada, às opiniões expressas pelos estudantes sobre a satisfação com as unidades curriculares e docentes do 1º e 2º semestre. São apresentados os três ou os quatro itens mais pontuados e os dois de pontuação mais baixa, no sentido de permitir a reflexão para a melhoria dos processos. Apresentam-se, também, os aspetos positivos e negativos verbalizados mais frequentemente pelos estudantes na resposta às perguntas abertas, acerca de cada UC, dos docentes e as sugestões apresentadas.

Opinião dos estudantes acerca das UC's do 1ºAno CLE (n=923).

Os itens mais pontuados pelos estudantes são: Articulação entre a componente teórica, teórica/prática e prática (4,38); Adequação das instalações ao desenvolvimento desta UC-PL (4,38); Adequação do equipamento utilizado no desenvolvimento desta UC-PL (4,33).

Os itens menos pontuados pelos estudantes são: Número de estudantes em sala nas aulas de teóricas (3,15); Contributo desta UC para a capacidade de trabalhar em equipa (3,43) e número de estudantes em sala nas aulas teóricas-práticas (3,46).

Opinião dos estudantes acerca dos Docentes do 1º ano, CLE

Os itens mais pontuados pelos estudantes são a pontualidade do docente (4,34); a disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas (4,18); o grau de rigor (4,14).

Abaixo de 4, embora acima de 3,5, os estudantes pontuam, a capacidade em incentivar o interesse (3,68); a relação professor-estudante (3,89).

Os estudantes posicionam o seu comportamento em sala de aula em 4,14, já o comportamento da “turma” fica em 3,24.

Unidades Curriculares

Aspetos mais positivos: Interesse suscitado pelos conteúdos abordados bem como a sua ligação aos problemas reais; Articulação entre componente teórica e teórico-prática; Adequação do equipamento utilizado no desenvolvimento das UC's; Aulas teórico práticas divididas, permitem mais aprendizagem e envolvimento dos estudantes; Cumprimento da contratualização do método de avaliação.

Aspetos menos positivos: Falta de orientação para o estudo; Excessivo número de estudantes em sala de aula; Comportamento da turma; Regime de faltas; Condições deficitárias para as práticas laboratoriais; Haver aulas durante o período de frequências; Horários inconvenientes.

Docentes

Aspetos mais positivos: Disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas e para ajudar; Pontualidade; Rigor e correta atitude pedagógica; Método de ensino; Profissionalismo; Capacidade de despertar o interesse.

Aspetos menos positivos: Pressão colocada pelo docente; Falta de clareza relativamente a alguns conteúdos; Discrepâncias entre os docentes da mesma UC na lecionação dos conteúdos; Capacidade em incentivar o interesse e orientação para o estudo.

Sugestões: Possibilidade de existirem turmas com menos estudantes; Tomada de posição por parte dos professores face a excesso de barulho nas aulas; Revisão dos horários; Não haver notas mínimas nas frequências; Maior coordenação entre os professores que lecionam na mesma unidade curricular.

2ºAno – (3º semestre)

Opinião dos estudantes acerca das UC's do 2ºAno, 3º semestre CLE (n=539).

Os itens mais pontuados pelos estudantes são: Ligação dos conteúdos abordados aos problemas reais (3,97); Contributo desta UC para desenvolver raciocínio crítico (3,78); Interesse suscitado pelos conteúdos (3,74).

Os itens menos pontuados pelos estudantes são: Adequação das instalações ao desenvolvimento desta UC-TP (3,21); Adequação das instalações ao desenvolvimento desta UC-T (3,28); Número de estudantes em sala nas aulas de teóricas (3,3).

Opinião dos estudantes acerca dos Docentes do 2ºAno, 3º semestre CLE

Os itens mais pontuados pelos estudantes são a pontualidade do docente (3,99); a disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas (3,95); o grau de rigor (3,91).

Os itens menos pontuados são, a capacidade em incentivar o interesse (3,57); o empenho no desenvolvimento do raciocínio crítico dos estudantes (3,74); relação professor-estudante (3,8).

Os estudantes posicionam o seu comportamento em sala de aula em 4,26, já o comportamento da “turma” fica em 3,59.

Unidades Curriculares

Aspetos mais positivos: Unidades curriculares e conteúdos importantes para a prática real da profissão.

Aspetos menos positivos: Aulas em auditório; Sobreposição de matéria entre unidades curriculares; Pouca distinção entre aulas teóricas e aulas teórico-práticas e até entre aulas teórico-práticas e práticas laboratoriais; Organização de algumas UC's; Metodologia; Forma de avaliação da disciplina; Clareza dos objetivos de trabalhos de grupo; A existência de vários professores na unidade curricular gera dificuldades e alguma confusão nas matérias abordadas; A turma não contribuiu para o bom funcionamento das aulas.

Docentes

Aspetos mais positivos: A excelência e o bom trabalho de alguns docentes; Estímulos para os estudantes comparecerem às aulas; Sempre disponíveis para qualquer questão ou dúvida.

Aspetos menos positivos: Algumas aulas demasiado monótonas, apenas com leitura de PowerPoint; Alguns docentes não cederam os PowerPoint; Discordância/desorganização entre docentes da UC.

Sugestões: Não haver aulas nos auditórios; O número de estudantes em sala nas aulas TP devia ser reduzido; Maior diferença entre as aulas T, TP e PL; Deveria haver mais turmas, com menos alunos; Não devia haver faltas a aulas teóricas; As turmas deveriam ter menor número de estudantes; Existirem mais práticas laboratoriais e mais possibilidade de os estudantes praticarem; Ser sempre o mesmo professor na PL.

2ºAno – (4º semestre)

A análise que se apresenta refere-se às opiniões expressas por estudantes em ensino clínico Fundamentos de Enfermagem (n=188 Hospital e n=182 Comunidade).

EC Fundamentos - Hospitalar

Apreciação global dos estudantes acerca do EC Fundamentos - Hospitalar - valor médio 3,99.

Item com valor médio mais elevado: Contributo deste ensino clínico para desenvolver competência de trabalho em equipa (4,31). Item com valor médio mais baixo: Duração do ensino clínico (3,35).

Aspetos mais positivos: Contributo deste EC para o trabalho em equipa; Investimento na aprendizagem neste EC; Ensino clínico ser muito enriquecedor; Boa receptividade dos serviços; Equipa de enfermagem bastante colaborante.

Aspetos menos positivos: Duração do EC; Articulação entre a Escola e o local de EC; Organização deste EC; Adequação e clareza de critérios no método de avaliação; Orientações do estudo pouco adequadas; Dificuldades na relação estudantes-equipa; Quantidade de trabalho solicitada é desigual entre grupos.

Sugestões: Alargamento da sua duração na área hospitalar; Alternância de local durante este EC; A utilização da CIPE seria uma mais valia neste EC; Introdução de conteúdos da passagem de turno como matéria a lecionar no 1º ano; A Escola devia repensar a sua política relativamente à obrigatoriedade de presença nos eventos; Contacto com o EC ao longo do primeiro ano.

EC Fundamentos - Comunidade

Apreciação global dos estudantes acerca do EC Fundamentos - Comunidade - valor médio 3,35.

Item com valor médio mais elevado: Clima relacional/relações interpessoais (docente/estudantes) (3,97).

Item com valor médio mais baixo: Método de integração dos conhecimentos teóricos na prática (3,18).

Aspetos mais positivos: Importante e pertinente para o desenvolvimento de diversas competências como a autonomia, a comunicação e o trabalho em equipa; Possibilitar o contacto com atividades diferentes que ajudam no crescimento pessoal e na aprendizagem; Utilidade de alguns seminários e ateliês.

Aspetos menos positivos: Pouca utilidade de alguns seminários e ateliês; Duração excessiva do EC; Falta de organização e a falta de orientação adequada deste EC; Discrepância na orientação feita pelos diferentes professores; Discrepâncias na avaliação; Falta de interesse e falta de relevância deste EC; Enorme quantidade de trabalho solicitada; As visitas à ETA e à ERSUC totalmente desnecessárias; Inutilidade das palestras e as más condições em que foram proferidas; A distância a que algumas freguesias se encontram e a falta de transportes tornando o EC dispendioso em deslocações; Falta de instalações para desenvolverem os trabalhos de grupo na Escola.

Sugestões: Alguns dos seminários e ateliês deviam ser lecionados no 1º ano; Acrescentar um seminário sobre a elaboração de trabalhos escritos; O tempo deste EC devia utilizado no ECFE Hospitalar de modo a aprofundar a prática dos procedimentos de enfermagem em contexto real; Este EC deve ocorrer no primeiro ano ficando mais articulado com os conteúdos programáticos; Ocorrer antes do EC hospitalar; Todos os grupos devem ter uma instituição âncora onde possam desenvolver os seus trabalhos; Visitas prévias às instituições por onde os estudantes vão passar, por parte da Escola ou dos professores; Mais informação inicial sobre este EC; Diminuição do tempo deste EC; Os professores devem assistir às apresentações no auditório; Anulação deste EC.

3ºAno – (5ºsemestre)

Opinião dos estudantes acerca das UC's do 3ºAno, 5º semestre CLE (n=527).

Os itens mais pontuados pelos estudantes são: Adequação dos conteúdos abordados aos problemas reais (3,98); Articulação entre a componente teórica e teórica/prática (3,85); Cumprimento da contratualização do método de avaliação (3,84).

Os itens menos pontuados pelos estudantes são: Número de estudantes em sala nas aulas de teóricas (3,32); Número de estudantes em sala nas aulas TP (3,48); Contributo da UC para a capacidade de trabalhar em equipa (3,51) e Adequação das instalações ao desenvolvimento da UC -TP (3,51).

Opinião dos estudantes acerca dos Docentes do 3ºAno, 5º semestre CLE, CLE

Os itens mais pontuados pelos estudantes são a pontualidade do docente (4,31); a disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas (4,16); o grau de rigor (4,1).

Abaixo de 4, os estudantes pontuam, a capacidade em incentivar o interesse (3,73) e a clareza com que abordou as matérias (3,95).

Os estudantes posicionam o seu comportamento em sala de aula em 4,22, já o comportamento da “turma” fica em 3,28.

Unidades Curriculares

Aspectos mais positivos: Interesse suscitado pelos conteúdos e pertinência para a sua formação; Ligação dos conteúdos abordados aos problemas reais; Interesse da metodologia utilizada na lecionação das aulas teórico-práticas desdobradas; Boa articulação, em algumas unidades curriculares, com as PL para a consolidação de alguns conteúdos; Desenvolvimento de competências de trabalho em grupo.

Aspectos menos positivos: Número elevado de estudantes em aulas teóricas e em teórico-práticas em turmas conjuntas; Metodologias/estratégias não adequadas à tipologia PL; Não há disponibilização atempada de suporte digital das aulas; O comportamento de alguns estudantes em sala de aula foi perturbador para outros estudantes que querem estar com atenção.

Docentes

Aspectos mais positivos: Relação professor/estudante; Excelentes professores, com atitude pedagógica e dinâmica em sala de aula, com capacidade de despertar a atenção em todas as aulas, demonstração de conhecimento dos conteúdos, disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas, estratégia de motivação para o ensino, com exemplos de que fazem a ligação entre os conteúdos teóricos e a prática.

Aspectos menos positivos: Alguns professores demonstraram muito conhecimento mas dificuldade em despertar a atenção dos estudantes e pouca disponibilidade; Alguns professores utilizam uma dinâmica em sala de aula que se revelou monótona.

Sugestões: Redução do número de estudantes em aulas teóricas; Disponibilização atempada na pasta académica de materiais de suporte; Aulas teórico-práticas mais dinâmicas e todas desdobradas; Aulas de PL com prática em laboratório; Quanto à avaliação, sugerem a contratualização com os estudantes, em todas as unidades curriculares.

3ºAno – (6º Semestre) - Ensino clínico - Cuidados Primários / Diferenciados n=363

Os itens em que os estudantes expressam maior nível de satisfação são: o clima relacional /relações interpessoais entre estudantes (4,34); clima relacional/relações interpessoais entre estudantes/equipa (4,25) e acolhimento na unidade (4,25).

Os itens em que os estudantes expressam menor nível de satisfação são: Informação da evolução (feedback) da sua aprendizagem (3,74); disponibilidade/tempo de presença do docente (3,77); observações do docente (3,82).

Aspectos mais positivos: Oportunidades de aprendizagem; Qualidade dos locais onde decorreu o ensino clínico; O acolhimento e a receptividade pela equipa; As condições/contexto do serviço (sendo alguns serviços referidos como “excelentes”) e o ambiente; A forma de acompanhamento e contributos do enfermeiro tutor.

Aspetos menos positivos: Em alguns ensinamentos clínicos foi expressa a fraca organização; Em serviços específicos foram referidos alguns conflitos entre elementos da equipa de enfermagem, a falta de conformidade e algumas incongruências entre elementos da equipa; O diminuto acompanhamento, inclusive não tendo sido possível acompanhar o tutor em muitos turnos; Prejuízo pelo facto de só terem 10 semanas de EC de Fundamentos no 2º ano; Duração do ensino clínico.

Sugestões: Sugerem que os alunos possam executar um maior número de turnos com os tutores e rever alguns critérios da avaliação (considerar os trabalhos realizados, etc.)

4ºAno – (7º Semestre) - Ensino clínico - Cuidados Primários / Diferenciados n=288

Os itens em que os estudantes expressam maior nível de satisfação são: Resposta do tutor quando solicitou orientação e ajuda para superar dificuldades (4,34); o clima relacional/relações interpessoais entre estudantes (4,32); o contributo do ensino clínico para desenvolver competências de trabalho em equipa (4,28).

Os itens em que os estudantes expressam menor nível de satisfação são: duração do ensino clínico (3,58); método de avaliação e a articulação entre a Escola e o local de ensino clínico.

Aspetos mais positivos: Grande número de referências à qualidade dos tutores; Qualidade do serviço/unidade; Possibilidade de muitos momentos de aprendizagem; Bom acolhimento por parte de algumas equipas.

Aspetos menos positivos: duração de 5 semanas muito reduzida para os diferentes blocos de EC; A pausa de uma ou duas semanas durante o EC não é favorável à aprendizagem; A quantidade de trabalhos escritos pedidos, que diminui o tempo de permanência junto dos utentes; Os locais onde decorrem alguns EC.

Sugestões: Necessidade de aumentar os EC de 5 para 6 semanas, reduzindo os de 10 para 8 semanas; Interesse em a Escola se preocupar mais com o bem-estar dos estudantes “do que com o bom nome da Escola”; Obrigatoriedade de terem um número mínimo de turnos com o seu tutor; Escolha dos melhores tutores, excluindo os que não estão capacitados para ensinar; No que se refere à avaliação, seria vantajoso ter acesso a essas grelhas, para assim poderem melhorar ao longo dos dias e não só na avaliação intercalar ou no final do EC.

4ºAno – (8º semestre)

Opinião dos estudantes acerca das UC's do 4ºAno, 8º semestre – UC Lecionação CLE (n=433).

Os itens mais pontuados pelos estudantes são: Articulação entre a componente teórica, teórica/prática e prática (4,4); Adequação do equipamento utilizado no desenvolvimento da UC-PL (4,37); Adequação das instalações ao desenvolvimento da UC-PL (4,32).

Os itens menos pontuados pelos estudantes são: Adequação das instalações ao desenvolvimento da UC-T (3,4). Número de estudantes em sala nas aulas de teóricas (3,42); Metodologia utilizada na lecionação das aulas teóricas (3,52).

Opinião dos estudantes acerca dos Docentes do 4ºAno, 8º semestre, CLE

Apenas o item capacidade em incentivar o interesse pontua abaixo de 4 (3,91).

Os estudantes posicionam o seu comportamento em sala de aula em 4,38, já o comportamento da turma fica em 3,81.

Aspetos mais positivos: Qualidade dos docentes.

Aspetos menos positivos: Algumas metodologias de lecionação; Alguns espaços das aulas (auditório e algumas salas); Quantidade de trabalho, particularmente em algumas UC's face ao número de ECTS.

Sugestões: Mais aulas práticas; Maior informação sobre questões relacionadas com o processo de emprego (currículo, entrevista, etc.).

Opinião dos estudantes acerca das UC's do 4ºAno, 8º semestre – UC EC

Apenas os itens Duração do ensino clínico e Método de avaliação, não atingem o valor 4, todos os restantes o ultrapassam.

Aspetos mais positivos: Qualidade dos locais onde é realizado o ensino clínico; Oportunidades de aprendizagem; Possibilidade de desenvolvimento a nível da identidade profissional e pessoal; Acolhimento e recetividade das equipas à presença de estudantes, dinamismo e disponibilidade manifestados; Qualidade dos tutores: exigentes, disponíveis para ensinar, esclarecer dúvidas e discutir opiniões relativas à prática.

Aspetos menos positivos: Assimetria na realização de atividades (entre grupos/estudantes com diferentes orientadores) e na carga horária efetiva das diferentes opções; Realização do Ensino Clínico de Cuidados Intensivos numa unidade de internamento; Em alguns locais falta de recursos disponíveis para acompanhar os estudantes; Realizar a monografia com colegas em que há incompatibilidade de horários.

Sugestões: A realização de um projeto de ensino clínico ser feito em ensinos clínicos anteriores e não só neste último; A escola deveria avaliar o perfil, as competências pedagógicas e relacionais dos enfermeiros e a predisposição de cada um para ser tutor; Melhor articulação entre o serviço e a escola; Existência de uma grelha de avaliação objetiva para a monografia; Para um EC de Integração à Vida Profissional, poderia ser de maior duração.

1.5 – Comentário/análise dos resultados, apresentado pelo diretor do CLE

(...)

Destaca-se em termos globais a opinião favorável dos estudantes no que se refere aos vários serviços e setores da Escola e ao seu funcionamento em termos globais. No entanto, e em termos de opinião de alguns estudantes, deverão ser introduzidas melhorias, nomeadamente (...) nos serviços de reprografia e nos serviços de cafeteria no sentido de tornar estes serviços mais organizados e eficazes por forma aos estudantes não terem tantas esperas de tempo ao serem atendidos nos mesmos.

O presente relatório elaborado pelo Diretor do CLE aponta em termos globais e genéricos alguns dos aspetos que parecem mais evidentes dos dados globais e gerais e algumas mudanças (...).

1.6 – Atividades extracurriculares dos estudantes

Apresentam-se os resultados de um estudo acerca da prática de atividades extracurriculares e bem-estar subjetivo, na vertente bem-estar emocional, realizado com os estudantes dos diferentes anos do Curso de Licenciatura em Enfermagem, em outubro de 2015.

O instrumento de recolha de dados foi disponibilizado aos estudantes via e-mail, após informação em sala de aula efetuada por elementos do CQA (docentes e/ou estudantes).

Obtiveram-se 178 respostas válidas, sendo 40 do 1º ano, 56 do 2º ano, 46 do 3º ano e 36 do 4º ano.

Os respondentes do sexo feminino são 86% e do sexo masculino são 14%. A idade oscilou entre os 17 e os 40 anos, com média de 20,42 anos (DP = 3,12). Durante o ano letivo, 61,2 % dos respondentes têm local de residência diferente do seu agregado familiar.

A análise dos resultados de caracterização da situação dos estudantes face à experiência de atividades extracurriculares evidencia o seguinte:

Considerando os últimos 6 meses, 71,3% do total dos respondentes referiu não realizar atividades extracurriculares; 32,6% (58 estudantes) dos inquiridos já realizaram atividades extracurriculares mas deixaram.

Os estudantes que realizam atualmente atividades extracurriculares inscrevem-nas sobretudo em serviços/programas de voluntariado (86,2%), sendo o mais referenciado as realizadas nos Bombeiros.

Quanto ao tempo ocupado nas atividades, para 34% dos respondentes é, em média, de 3 horas por semana.

Considerando a prática extracurricular, os estudantes descrevem as suas experiências mais relevantes em contexto de “voluntariado”, “vida escutista”, “bombeiros”, “aprendizagem de línguas”, etc..

Como aspetos mais positivos da experiência, são referidos, entre outros: “(...) ajudou a trabalhar em equipa e a comunicar melhor e que criou em mim um espírito competitivo (...)”, “(...) ter uma vida mais ativa e saudável (...)”, “(...) tive experiências fantásticas (...)”, “(...) experiência bastante enriquecedora sendo ótimo saber que estamos a ajudar alguém (...)”, “(...) saber que consegui fazer diferença na vida de uma pessoa”, “(...) proporciona novos caminhos, e uma abertura de mente mais alargada (...)”, “(...) aquisição e mobilização de novos conhecimentos; ganho de experiência e desenvolvimento de maturidade (...)”, etc.

As dificuldades sentidas relacionam-se sobretudo com a falta de tempo e com a conciliação de horários.

Se o estudante ultrapassou essas dificuldades, solicitava-se que apresentasse a forma como o fez. As descrições indicaram, sobretudo: “melhor organização”, “planeamento”, “definição de prioridades”, “melhor comunicação”.

1.7 – Pós-Licenciaturas e Mestrados

Curso de Mestrado em Enfermagem

Apreciação global das UC's – valor médio 4

Apreciação global dos docentes – valor médio 4,43

Aspetos mais positivos: Unidades curriculares com temáticas fundamentais ao mestrado; Metodologia utilizada em algumas unidades curriculares; Turma bastante equilibrada, empenhada, unida e trabalhadora, com discussões em âmbito de sala de aula pertinentes às temáticas discutidas. Sem dúvida uma mais-valia em termos pedagógicos; Corpo docente qualificado; Negociação com envolvimento dos estudantes no que diz respeito a: programa das unidades curriculares, atendendo às suas expectativas, necessidades de formação e interesses; Incentivo à publicação dos trabalhos científicos e adequação ao desenvolvimento da dissertação de mestrado.

Aspetos menos positivos: Algumas falhas no planeamento das aulas; Muito ficou por abordar; Número de horas de contacto diminuto quando comparado com outras unidades curriculares que deveriam ser mais complementares; Carga horária das unidades curriculares não está equilibrada (algumas unidades poderiam ter mais horas relativamente a outras).

Observações/Sugestões: Haver mais análises de casos práticos.

Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem Comunitária

Apreciação global das UC's – valor médio 4,12

Apreciação global dos docentes – valor médio 4,26

Aspetos mais positivos: Seleção de professores, quer internos quer externos; Flexibilidade dos professores; Dias de funcionamento do curso.

Aspetos menos positivos: Demasiados momentos de avaliação relativamente à carga horária, teria sido importante uma grelha de avaliação dos trabalhos, fornecida atempadamente; Excesso de componentes escritos e apresentações para avaliação.

Observações /Sugestões: A assiduidade deveria ser uma componente da avaliação; Sugere-se que as horas relativas à UC sejam mais divididas, não assumindo a carga horária diária de 8h, como aconteceu; Os formatos das avaliações influenciam a quantidade de trabalho exigida; Quando os objetivos individuais se sobrepõem aos objetivos do grupo torna-se difícil trabalhar em grupo.

Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria

Apreciação global das UC's – valor médio 3,93

Apreciação global dos docentes – valor médio 4,04

Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria

Apreciação global das UC's – valor médio 4

Apreciação global dos docentes – valor médio 4,1

Observações/Sugestões: O estágio deveria ter ponderação quantitativa na nota final.

Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia

Apreciação global das UC's – valor médio 4

Apreciação global dos docentes – valor médio 4,21

Observações/Sugestões: Alterar metodologia de algumas aulas; Disponibilizar conteúdos para avaliação atempadamente na plataforma.

Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia

Apreciação global das UC's – valor médio 4,2

Apreciação global dos docentes – valor médio 4

VI Mestrado/PLic Especialização em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia

Pontos fortes: Alguns professores; Depois de alguma discussão houve flexibilidade de horários.

Pontos fracos: Algumas UCs sem interesse, sobretudo pela estratégia usada, como por exemplo muita leitura de textos e artigos; Circunstâncias levaram a fazer seleção de aulas a frequentar e aulas a faltar; UCs com vários docentes o que não foi nada facilitador; Disponibilidade tardia de material até necessário para a frequência disponibilizada tardiamente; Algumas críticas de professores por falta a algumas, ouvimos “ralhete”/discurso agressivo; Assimetria de tratamento de alguns estudantes; (Não podemos ir para estágio a medo!); UC em que os dois os dois professores se contradisseram frequentemente. As notas não refletiram a qualidade que os professores referiram dos trabalhos. Houve colegas que melhoraram o trabalho após a data de entrega.

Sugestões: Algumas UCs podiam ser mais alargadas no tempo e com maior carga horária, até em detrimento de outras UCs; Haver uma forma de comunicação mais “civilizada”/“adulta” da parte de alguns professores; Mais atenção e compreensão à indisponibilidade dos estudantes sobretudo em atividades planeadas fora do horário habitual; Colocar conteúdos atempadamente na plataforma; Somos adultos e deve haver frontalidade e eficácia na comunicação.

Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem Médico-Cirúrgica – Março

Apreciação global das UC's – valor médio 4,07

Apreciação global dos docentes – valor médio 4,56

Observações/Sugestões: A dinâmica das aulas de metodologias qualitativas, foi algo confusa o que complicou a compreensão dos conteúdos; Na formação de adultos é fundamental o fornecimento da matéria das aulas e textos de apoio para uma melhor orientação do estudo. Nem sempre o interessante da unidade curricular representa mais-valia para a prática; Há temáticas muito importantes para a prática e deveriam ter sido exploradas em sala de aula e não apenas em póster; A organização da UC penso não ser a

melhor no que respeita à distribuição no tempo; Alguns conteúdos necessitavam de mais horas para serem abordados; O elevado número de convidados prejudicou e levou à repetição de conteúdos; Rever algumas formas de avaliação.

Curso de Mestrado em Enfermagem Médico-Cirúrgica – Março

Apreciação global das UC's – valor médio 3,66

Apreciação global dos docentes – valor médio 4,25

Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria

Apreciação global das UC's – valor médio 3,35

Apreciação global dos docentes – valor médio 3,46

Observações/Sugestões: Unidade curriculares com temáticas muito interessantes; Exigência de demasiados trabalhos e demasiado tempo/trabalho em casa, tendo em conta os ECTS da UC; Não houve diferença entre as aulas teóricas e as teórico-práticas.

Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria

Apreciação global das UC's – valor médio 3,76

Apreciação global dos docentes – valor médio 3,79

Observações/Sugestões: Temas interessantes e pertinentes; Algumas metodologias muito adequadas; Trazer diferentes pessoas para falarem de um tema foi muito interessante; Sobre a avaliação das unidades curriculares, há expressão de forma e contratualização da avaliação claras e justas e também expressão de que a contratualização da avaliação não existiu; Demasiado trabalho para ser realizado em casa; Nalguns casos houve pouca flexibilidade do professor; Tendo em conta a importância dos temas, devia haver mais tempo de aulas TP e até a utilização de algumas metodologias diferentes; Repensar a organização do curso, não fazendo coincidir disciplinas tão importantes, num mesmo tempo (houve dias de 9h a 10h de aulas com a mesma pessoa).

Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Reabilitação

Apreciação global das UC's – valor médio 3,7

Apreciação global dos docentes – valor médio 3,95

Curso de Mestrado em Enfermagem de Reabilitação

Apreciação global das UC's – valor médio 3,89

Apreciação global dos docentes – valor médio 3,96

Observações/Sugestões: Métodos de trabalho e exposição antiquados; Demasiada exigência na avaliação de uma das unidades curriculares.

1.8 – Curso de Pós-Graduações

Pós-Graduação em Enfermagem do Trabalho

Apreciação global das UC's – valor médio 4

Apreciação global dos docentes – valor médio 4,5

Pós-Graduação Envelhecimento, Saúde e Cidadania

Apreciação global das UC's – valor médio 4,83

1.9 – Dissertações

Opinião de estudantes de mestrado acerca da dissertação

Apresenta em seguida a opinião dos estudantes de mestrado relativamente à dissertação. Os dados foram recolhidos em fevereiro de 2016 e são relativos a respostas de estudantes que concluíram o mestrado durante o ano de 2015. O questionário foi disponibilizado a 54 mestres e obtiveram-se 15 respostas.

Apresenta-se alguns resultados percentuais obtidos em cada um dos itens do questionário. Quanto às justificações/sugestões/observações, apresentam-se transcritas na íntegra. Assim, cada parágrafo “...” corresponde às expressões de um respondente. Não é feito pela equipa do CQA qualquer comentário.

Opinião de estudantes dos cursos de mestrado em: Enfermagem comunitária; Enfermagem de Reabilitação; Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria; Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria; Enfermagem Médico-Cirúrgica; Enfermagem de Saúde Materna.

Ano do início do curso: 46,7% iniciou em 2012, 20% iniciou em 2011 e igual percentagem em 2013.

60% dos estudantes fez apenas 1 inscrição na dissertação. 4 estudantes (26,7%) não responderam a esta questão. 1 estudante refere ter feito 5 inscrições.

A idade dos respondentes varia de 27 a 42 anos, sendo que 60% tem entre 27 e 31 anos.

Dos respondentes apenas 1 refere não estar a exercer atividade profissional. 60% refere ter horário tipo roulement. As horas de trabalho semanal variam entre 35 e 60 horas, situando-se 33,3% em 35 horas e 46,7% em 40 horas.

O tema da sua dissertação foi escolhido pelo próprio em 86,7% dos casos e em 6,7% apresentado pelo coordenador de curso.

À questão “Inscreveu-se num projeto de investigação da UICISA:E”, 66,7% refere que não.

40% dos respondentes, durante a realização da dissertação esteve envolvido em atividades de produção científica (Artigos, Seminários, Apresentações, etc.) e 26,6% não respondeu a esta questão.

Quanto ao grau de satisfação com a orientação, 60% considera-o elevado/muito elevado. Muito baixo apenas é referido por um respondente (6,7%).

Relativamente ao tempo disponibilizado pelo orientador, 46,7% refere um grau de satisfação elevado/muito elevado e 40% refere um grau de satisfação médio. Grau baixo é considerado por 13,3% dos respondentes.

66,7% considera um grau de satisfação elevado/muito elevado com a nota atribuída, tendo em conta o trabalho desenvolvido. Muito baixo apenas é referido por um respondente (6,7%).

93,3% considera que fez uma boa escolha quer do tema quer do método.

O tempo de desenvolvimento da dissertação varia de 1 e 4 anos, sendo que em 53,3% dos casos se situa entre um e dois anos.

Os motivos enunciados para o facto de o tempo de desenvolvimento da dissertação ter sido superior a 1 ano foram questões pessoais, como sejam: doença, licença de maternidade, dificuldade em conciliar, etc.

Em termos de Observações/Sugestões para o curso, é reconhecido e sugerido que se mantenha a qualidade dos professores. Há referência à inexistência de unidades curriculares relacionadas com gestão e coordenação hospitalar e à excessiva carga horária presencial em sala de aula. É sugerido maior orientação das matérias para a prática e para as necessidades (ex. UC - metodologia de investigação, de modo a contribuir para a elaboração da dissertação); que haja a perspectiva de continuidade dos trabalhos de investigação já existentes e maior incentivo à publicação.

Quanto a Observações/Sugestões para o orientador, salienta-se o reconhecimento da qualidade da orientação. Mas, em alguns casos é sugerido maior acompanhamento e mais compreensão. É ainda sugerido que as reuniões de orientação se realizem em espaço mais privado para não existirem interrupções.

1.10 – Mobilidade

Estudantes entrados

Responderam ao questionário 14 estudantes. Os países de origem foram: Bélgica, Brasil, Espanha, Holanda e Polónia.

A experiência de mobilidade no global pontuou em 4,09.

Estudantes saídos

Responderam ao questionário 89 estudantes. Os países de acolhimento foram: Bélgica, Brasil, Bulgária, China, Dinamarca, Espanha, Estónia, Finlândia, Grécia, Hungria, Inglaterra, Itália, Letónia, Lituânia, Roménia, Suécia e Turquia.

A experiência de mobilidade no global pontuou em 4,52.

Mais positivo:

A maioria dos estudantes expressa pontos positivos, nomeadamente ser uma experiência muito gratificante; ser uma ótima experiência, repleta de aprendizagens, o bom acolhimento e integração. Vários estudantes expressam um agradecimento à Escola e ao GRNI.

Menos positivo:

Foram apontadas algumas falhas de planeamento e de articulação, traduzidas em: não estarem à espera de estudantes, não saberem que iam, não saberem que estágio iam realizar, não conhecerem os objetivos ou o método de avaliação. Também foi expresso o horário muito rígido, o que limitou algumas experiências, algumas dificuldades em encontrar residência e os custos.

Sugestões:

Entre as sugestões realça-se a necessidade de mais/melhor informação entre as instituições; mais acompanhamento pelo docente de referência, mais conhecimento de alguns documentos que são necessários antes de viajar, etc.

1.11 – Opinião dos estudantes sobre o ciclo de estudos (CLE)

No 2º semestre do ano letivo 2015/2016, em finais de junho, disponibilizou-se na “Pasta Académica” o questionário de opinião sobre o Curso de Licenciatura em Enfermagem (2012-2016) aos estudantes que se encontravam a frequentar o 4º ano do curso.

A taxa de respostas foi baixa. Obtiveram-se 28 respostas.

Ainda assim realça-se que recomendariam a Escola a um amigo, porque (algumas citações): “Pela qualidade de formação/ensino”; “Não existe ainda uma Escola de excelência, mas creio que a ESEnfC está no caminho correto para atingir esse patamar”; “Mérito pelos projetos desenvolvidos”; “A taxa de empregabilidade nacional”; etc.

Observações: As aulas teóricas não deveriam ter faltas; Os enfermeiros que são tutores de ensino clínico deviam ser analisados e avaliados; São necessárias algumas alterações a nível das unidades curriculares: relacionar o número de ECTS com a carga de trabalho; Diminuir o número de alunos por turma ou adaptar as salas a esses números; Adaptar a grelha de avaliação a cada área de ensino clínico; No 1º ano também deveria existir um estágio de observação em meio hospitalar.

1.12 – Abandono escolar

Apresentam-se os resultados de um estudo relativo ao abandono escolar, realizado pelo CQA junto dos estudantes que nos anos letivos 2014-2015 ou 2015-2016 abandonaram o curso que estavam a frequentar na ESEnfC.

O estudo foi realizado em dezembro de 2016.

O instrumento de recolha de dados foi disponibilizado aos estudantes via plataforma da Escola, após contacto estabelecido por SMS.

Assim, analisam-se os dados do CLE e os dados referentes aos cursos de mestrado e de pós-licenciatura, estes últimos conjuntamente dos anos letivos 2014-2015 e 2015-2016.

Curso de licenciatura 2015-2016

Os 9 respondentes têm idades compreendidas entre 18 e 30 anos. Respondeu igual número de estudantes do sexo feminino e do sexo masculino. Todos referem o estado civil de solteiro. São naturais de diferentes distritos: Aveiro, Braga, Coimbra, Porto, Santarém, Viana do Castelo.

A escolaridade dos pais (pai e mãe) é tendencialmente até ao 12ºano. Há uma referência a escolaridade do pai ao nível de licenciatura e duas referências à escolaridade da mãe a este nível.

50 % dos abandonos é referido ter acontecido no 1º Semestre do curso, 37,5% no 2º semestre e 12,5% no 3º semestre.

Os motivos do abandono mais referenciados são dificuldade no desempenho académico, incompatibilidade de atividades e ingresso noutra curso.

Nos motivos relacionados com a ESEnfC, foi referido horários das aulas; horários dos estágios; e docentes. Cada uma destas referências teve 1 resposta.

Pontos fortes do curso: Bons professores; muito interessante e muito acessível; grande apoio por parte dos professores e avaliações justas na sua maioria; excelente integração por parte dos colegas estudantes mais velhos; grandes condições gerais do edifício e materiais lúdicos.

Pontos mais fracos do curso: Ter 2 polos muito distantes um do outro; o facto de não facultarem o conteúdo das aulas em PDF ou PowerPoint para que se possa estudar sem frequência das aulas; fraca planificação do curso (muitas vezes sabe-se no dia antes factos importantes ao normal desenrolar do curso); o tamanho das turmas; não existir pós laboral.

Oito estudantes referem ter participado em atividades extracurriculares durante a frequência do curso. Dois em atividades associativas (de estudantes), um em atividades desportivas e um em atividades de voluntariado.

Os respondentes utilizavam diariamente como meio de deslocação para a ESEnfC, veículo próprio, transportes públicos, a pé. O tempo gasto foi referido como variando entre 5 e 60 minutos.

O meio de subsistência durante a frequência do curso era para a maioria a família, mas em alguns casos era trabalho em Full-time.

Entre os fatores que influenciaram a escolha do curso e da escola salienta-se o “gosto pessoal” seguido da “representação/desempenho científico”.

Foram apontados como fatores que poderiam ter ajudado a não abandonar o curso: melhores condições para trabalhador-estudante ao nível da matéria, aulas, e flexibilidade no estágio; aulas em horário pós laboral; apoio económico na parte das propinas; horários dos estágios/ensinos clínicos, se admitem trabalhadores-estudantes deveriam flexibilizar os horários dos estágios.

Foi ainda apontada uma situação em que a Escola nada poderia ter feito, pois tratou-se de uma situação de doença.

Cursos de mestrado e de pós licenciatura 2014-2015 e 2015-2016

Os 7 respondentes têm idades compreendidas entre 27 e 42 anos. A maioria (57,1%) refere o estado civil de solteiro. São todos naturais do distrito de Coimbra.

60% dos abandonos foram referidos como tendo acontecido no 1º ano/2ºSemestre.

60% dos respondentes considera o seu desempenho escolar durante a frequência do curso como “Bom”.

Os motivos do abandono mais referenciados são problemas financeiros, seguindo-se incompatibilidade de atividades e desinteresse.

Nos motivos relacionados com a escola, um estudante referiu os “horários dos estágios” e dois referiram os “docentes”.

Pontos fortes do curso: carga horária; estrutura curricular.

Pontos mais fracos do curso: pouco aprofundamento de alguns temas abordados; dificuldade de aplicar na profissão.

Entre os fatores que influenciaram a escolha do curso e da escola salienta-se o “gosto pessoal” seguido da representação/desempenho científico.

Entre os fatores que influenciaram a escolha do curso e da escola salienta-se a “localização da Escola” a que se segue a “proximidade da residência” e “o “gosto pessoal”.

São apontados como fatores que poderiam ter ajudado a não abandonar o curso: preocupação da escola pela taxa de insucesso numa determinada disciplina; mudança de professor na mesma disciplina; propinas mais baratas; sobrecarga de trabalhos menor; parecer mais célere da parte do CHUC para realização do estudo.

2 – DOCENTES

2.1 – Opinião dos docentes acerca das unidades curriculares que lecionam

Obtiveram-se 248 respostas de docentes, distribuídas por unidades curriculares dos diferentes semestres.

Pontos fortes: Temas disciplinares; Articulação com conteúdos das outras unidades curriculares; Boa integração da UC no plano de estudos; A metodologia adotada; Participação e interesse dos estudantes; Equipa docente coesa, motivada e dedicada.

Aspetos a melhorar nas UC's: Melhorar a articulação entre unidades curriculares; Melhorar algumas metodologias e estratégias, nomeadamente de ensino para grandes grupos; Ter possibilidade de mais aulas TP separadas; Ter mais horas para desenvolver atividades mais dinâmicas e práticas; Diminuir número de estudantes por turma; Existir reuniões entre os docentes para programação e discussão científica e fundamentada de conteúdos.

2.2 – Satisfação dos docentes

O questionário de opinião dos docentes é aplicado uma vez por ano. Em novembro de 2016, o CQA disponibilizou esse questionário aos docentes que estavam na Escola a tempo integral, via plataforma informática.

Obtiveram-se 31 respostas. Responderam ao questionário docentes das diferentes UCP's, com diferentes categorias e níveis de formação académica.

Relativamente à UCP, consideram que “Existe negociação relativamente às prioridades” (48,3% e 41,9%, respetivamente “alguma” e “muita”), “Divulgação de documentação sobre as atividades” (41,9% tanto na opção “alguma” como na opção “muita”), “Participação na elaboração do plano de atividades” (41,9% e 54,8% respetivamente “alguma” e “muita”), “Há cultura de abertura (comunicação e diálogo)” (22,6% e 64,5%, respetivamente “alguma” e “muita”), “Estimulo à iniciativa / inovação” (38,7% e 45,2%, respetivamente “algum” e “muito”).

Quanto à importância atribuída à realização de reuniões entre UCP's, 71% atribui muita e 29% atribui “alguma”. As justificações dessa importância vão no sentido de servirem para orientação dos trabalhos e divulgação de informação que possa ser pertinente para o desenvolvimento de projetos de trabalho entre UCP's, para articular conteúdos e atividades.

Foi ainda sublinhada a importância de favorecer o trabalho em equipa, a confiança baseada na partilha e reconhecimento de valores, crenças e princípios que favoreçam a qualidade do ensino em enfermagem e consequentemente sucessos nas aprendizagens académicas e profissionais, e estimular o interesse, empenhamento, inovação e atualização curricular, de materiais pedagógicos, entre outros aspetos.

Relativamente ao contexto de trabalho salienta-se, com o valor mais elevado, o item “apoio institucional ao trabalho”, seguido dos itens “condições para a realização do seu trabalho na componente ensino” e “manter a afetação do mesmo professor a cada serviço/unidade de ensino clínico” (estes itens com igual pontuação). O item que apresenta valor mais baixo é “condições para a realização do seu trabalho na componente investigação”.

Vários docentes referem que o seu trabalho não se alterou durante o ano e curso, sendo até utilizada a expressão “grande estabilidade”.

As referências a alterações no trabalho são de: aumento de exigências e desafios, maior quantidade de trabalho e sobrecarga de trabalho.

Na escala de 1 a 5, o nível de satisfação com a Escola foi posicionado no valor médio de 3,84 e a autonomia para desempenhar as suas funções atuais no valor médio de 4,03.

Quanto ao que os docentes consideram ser mais promotor do seu bem-estar em contexto de trabalho, salienta-se de forma expressiva, pela frequência de respostas, as relações interpessoais, o clima organizacional, mas foi também referida a confiança, reconhecimento e respeito pelos diferentes valores e crenças, abertura e inovação.

Comentários / Justificações

Penso que deveria existir maior proximidade entre órgãos de gestão e docentes. Poderia ser interessante que em 2 reuniões de cada UCP, no ano, estas tivessem a presença da presidência da Escola e do CTC.

96,77% dos professores refere participar em algum projeto/estudo associado inscrito na UICISA:E. Estes professores classificam o nível de satisfação com: A participação nesse projeto/estudo em elevado/muito elevado (50%). O funcionamento da UICISA:E em elevado/muito elevado (50%).

Como comentário foi referido que poderia haver maior abertura da UICISA:E às UCP's e maior cooptação de projetos a serem desenvolvidos.

54,84% dos professores refere participar em algum projeto de serviços/atividades de extensão na comunidade. Estes professores classificam o nível de satisfação com: A participação nesse projeto/atividade em elevado/muito elevado (70,59%). O funcionamento da Unidade de Prestação de Serviços à Comunidade em elevado/muito elevado (52,94%). O funcionamento do Gabinete de Apoio aos Projetos em elevado/muito elevado (64,71%).

Quem não participa em nenhum projeto referiu a falta de disponibilidade, mas também foi expressa a participação em atividades na comunidade não inscritas na ESEnfC, e ainda a pouca abertura a participação de outros intervenientes.

A participação em “debates que permitem ao conjunto dos docentes conhecimento interdisciplinar mútuo (...) para selecionar os conteúdos que devem ser incorporados em cada Unidade Curricular e ano de formação”, foi referida por 67,75% dos docentes.

A participação em “atividades de partilha com docentes, enfermeiros e outros profissionais de saúde (debates, estudos de caso, etc.) para clarificação de metodologias em contexto de ensino clínico” foi referida por 50,06%. O grau de satisfação traduziu-se numa média de 3,00. Os motivos da não participação foi sobretudo não lhes ter sido solicitada participação, mas também foi referido o desconhecimento de se ter realizado.

A participação em “reuniões gerais de docentes” foi referida por 96,67% dos respondentes. O nível de satisfação traduziu-se numa média de 3,31.

Quanto à participação em “reuniões para análise e debate sobre a prática pedagógica e avaliação” foi referida por 70 % e o seu grau de satisfação situou-se numa média de 3,38. Os motivos da não participação foram sobretudo o desconhecimento de se ter realizado, mas também foi referido não lhe ter sido solicitada participação e a impossibilidade por questões de agenda.

Relativamente a mecanismos internos de garantia da qualidade no processo “Ensino-Formação”, 62,07% consideram que deveria haver alterações nesses mecanismos. Deixaram como contributos o seguinte: Deveria haver clarificação desses mecanismos e da ficha do processo no que respeita a caracterização, medição e monitorização; avaliação da qualidade do serviço docente; Motivar para a participação de todos os intervenientes; Melhoria na articulação inter-UCPs e outros serviços; Maior formação e preparação pedagógica dos professores, em particular dos mais jovens. Terminar de vez com a apresentação dos slides dos professores na página académica e incentivar os estudantes ao estudo através de textos de apoio/bibliografia, porque desenvolvem o seu estudo quase exclusivamente com base nos slides o que é bem demonstrado no muito baixo grau de conhecimentos quando em ensino clínico; Avaliação da implementação de novas metodologias de ensino e aprendizagem; supervisão de algumas aulas onde estejam identificados problemas; Mais instrumentos para avaliação do processo e não apenas no final.

Como sugestões/observações é referido: Investir em melhor clima relacional; Melhorar alguns canais de comunicação; Promover melhoria de condições de trabalho tendo em consideração o tempo de serviço e responsabilidades profissionais; Distribuição equitativa do trabalho docente. Oportunidade de desenvolvimento curricular a todos os docentes.

2.3 – Mobilidade

Docentes saídos

Responderam ao questionário 26 docentes. Os países de acolhimento foram: Alemanha, Bélgica, Espanha, Estónia, Finlândia, Hungria, Itália, Inglaterra, Noruega.

Dos diferentes itens, apenas um pontua abaixo de 4, pontuando a experiência de mobilidade no global em 4,55. O valor mais elevado é expresso no item Articulação com o GRNI (4,73).

É referido o desenvolvimento de várias atividades, nomeadamente docência, visitas, prestação de serviços à comunidade, colaboração em programas. A experiência é descrita como muito positiva, com vantagem de estabelecer alguns contactos mais diretos, com partilhas, conhecimentos, fortalecimento de relações de mobilidade de docentes e de estudantes, etc.

3 – NÃO-DOCENTES

3.1 – Dados recolhidos por questionário

O questionário de opinião dos não-docentes é aplicado uma vez por ano. Em novembro de 2016, o CQA disponibilizou esse questionário aos não-docentes, via plataforma informática.

Obtiveram-se 19 respostas.

A maioria dos respondentes beneficiou de formação contínua oferecida/suportada pela Escola e o seu nível de satisfação situou-se predominantemente em “elevado” ou “muito elevado”.

Questionados sobre o modo como sente que o seu trabalho se alterou durante o seu último ano de trabalho, as respostas foram no sentido do aumento da carga de trabalho, das exigências e dos desafios. É referido: “(...) alteração coincidente com autonomia e oportunidade de contribuir, o que me leva executar as minhas tarefas com motivação cumprindo de forma positiva as metas e objetivos a atingir”. Por outro lado, há quem refira um ano muito exaustivo, muito confuso, com o sentir-se impotente com a incerteza e desconfiança; mais stress, mais pressão, mais urgente e sem planeamento de grupos de trabalho nas solicitações aos serviços.

Quanto à tradução dessas alterações em qualidade, salienta-se as justificações de que se se traduziu em qualidade global e que deu lugar a inovação, criatividade e até a agilização de funções. Contudo, também houve referências a que a quantidade comprometeu a qualidade e que as alterações não se traduziram em qualidade.

Os não-docentes atribuem maioritariamente grande interesse/sentido a todas as atividades que desenvolvem. Alguns especificam o relacionamento com os estudantes.

Alguns atribuem menor interesse/sentido (e há quem refira “nenhum”) às atividades que desenvolvem, justificando-o com os trabalhos repetitivos, as burocracias e a preparação de cofre-breaks para muitas reuniões e muito pequenas.

Quanto ao que consideram ser mais promotor do seu bem-estar em contexto de trabalho, ressalta o relacionamento interpessoal; o reconhecimento, um bom e calmo ambiente; o conhecimento efetivo do trabalho por parte das chefias; oportunidade de esclarecimento; a atuação das chefias sobre os que não cumprem com os seus deveres; o trabalho igualmente dividido; fatores de motivação, confiança e compromisso; o respeito.

4 – TUTORES DE ENSINO CLÍNICO E ENFERMEIROS CHEFES

4.1 – Opinião dos enfermeiros tutores de ensino clínico

Em julho de 2016, o CQA enviou um e-mail com link de acesso a um questionário aos tutores de ensino clínico, registados na plataforma, para recolha de opinião acerca do Ensino Clínico que acompanham.

Responderam 109 enfermeiros tutores que acompanharam estudantes, de diferentes anos e cursos, no ano letivo 2015-2016.

Os objetivos definidos para o ensino clínico, a duração do ensino clínico, a adequação deste ensino clínico nesta fase de formação dos estudantes, a pertinência dos trabalhos escritos pedidos, concretização de competências dos estudantes neste ensino clínico, a articulação entre o docente e o tutor, o método de avaliação e apreciação global foram considerados pela expressiva maioria dos tutores e tanto no 6º/ 7º semestre como no 8º semestre, como nos Cursos de Pós-licenciatura de Especialização/Mestrado, como adequados/muito adequados.

A articulação entre a Escola e o local de ensino clínico é considerada adequada/muito adequada por 68,8%, e considerada muito desadequada/desadequada por 9,2%. A facilidade no acesso a informação na e sobre a Escola é considerada adequada/muito adequada por 68,8%.

20,18% refere já ter participado em formação para tutores, destes 3,67% refere que essa formação ocorreu depois de 2010.

Referem como fatores favorecedores da articulação “Escola”-“Serviço” a preocupação em organizar os ensinamentos clínicos com a chefia do serviço; a presença dos professores no campo de estágio; a proximidade e articulação professor/tutor; docentes motivados, verdadeiros pedagogos e com uma visão da enfermagem.

Deixam sugestões, nomeadamente: formação para tutores, presença mais regular por parte da Escola/docente, haver reuniões (maior articulação/comunicação) com alunos, tutores e professores, que os estudantes venham para ensino clínico com uma melhor preparação/com mais conhecimento do campo de estágio, rever a duração de ensinamentos clínicos (idoso, bloco operatório, etc.), reconhecimento efetivo dos tutores (tempo em horário, pagamento, etc.), contacto de proximidade/maior envolvimento, etc.

4.2 – Opinião dos enfermeiros chefes/gestores dos serviços com estudantes em EC

Em julho de 2016, o CQA enviou um e-mail com link para um questionário de opinião dos Enfermeiros Chefes/Gestores cujos serviços são locais de ensino clínico/estágio para os estudantes, tendo-se obtido 25 respostas.

Relativamente a reuniões com a Presidência, quem participou nas mesmas considera-as úteis ou muito úteis. Dos 50% dos respondentes que refere não ter tido conhecimento da sua existência, a maioria considera que seriam importantes.

Receber estudantes em Ensino Clínico, apresenta aspetos positivos e aspetos negativos. Entre os aspetos positivos mais referenciados, de receber estudantes, salientam: atualização e partilha de conhecimentos; troca de experiências; estímulo à reflexão; melhoria da dinâmica do serviço e da qualidade dos cuidados; contributo para a melhoria enquanto profissionais; interação com a Escola; necessidade de organização dos cuidados de forma mais refletida; mais-valia para os utentes; maior envolvimento da equipa com os doentes/familiares. Entre os aspetos negativos constam: elevado número de estudantes; maior ocupação dos enfermeiros; falta de disponibilidade dos enfermeiros para mais acompanhamento aos estudantes.

No que se reporta à opinião sobre a articulação da Escola com o enfermeiro chefe/gestor, 76% refere que a Escola não lhe proporciona algo diferente por receber estudantes no serviço que gere. Igual percentagem considera que a Escola devia/poderia proporcionar-lhe algo diferente. Como exemplos do que poderia proporcionar apontam: formação (o mais referenciado é formação para os tutores e cursos de curta duração); maior apoio na elaboração/participação em projetos de investigação; participação em eventos formativos dinamizados pela Escola (seminários, congressos).

Dos respondentes, 87,5% considera haver conveniente articulação da Escola com o serviço ou com o enfermeiro chefe/gestor.

A opinião dos enfermeiros chefes/gestores sobre o desempenho dos docentes que acompanham os estudantes pontua em todos os itens acima de 4 (escala 1 a 5, respetivamente de Nada favorável a Muito favorável).

5 – NOVOS GRADUADOS E ENTIDADES EMPREGADORAS

5.1 – Opinião dos novos graduados

Opinião dos Licenciados pela ESEnfC em 2015, um ano após o término do curso (julho 2016)

Foram obtidas 31 respostas. Todos os respondentes se encontram a trabalhar na área de enfermagem. O tempo de trabalho varia entre 1 e 12 meses. Dos 31 respondentes, 12 trabalha há tempo que varia entre 10 e 12 meses. O número de horas de trabalho semanal varia de 20 a 48 horas.

Quanto ao tipo de serviço: serviço hospitalar, unidade de cuidados continuados/paliativos, centro de dia, houve outras referências, como por exemplo Estabelecimento Prisional.

Relativamente ao setor onde exerce a atividade profissional, há um predomínio do setor privado.

Quanto à localização da instituição onde trabalha, 13 enfermeiros estão a trabalhar num distrito diferente daquele em que frequentou o Curso. Três estão fora do país, nomeadamente em Inglaterra e Irlanda. 16 alteraram o distrito de residência por questões do emprego. Há dois respondentes que já trabalharam em outra instituição, que não a atual.

O nível de satisfação laboral situa-se no valor médio de 4,14 (escala de 1 a 5, de nada satisfeito a muito satisfeito).

Os respondentes sentiram mais dificuldade no início da sua vida profissional em: adaptação ao serviço/vida profissional/organização das tarefas; País, língua, culturas, distância dos familiares e amigos; Tomada de decisão/resolução de problemas; etc.

O nível de satisfação dos graduados em 2015, com o curso e com a Escola pontua, em ambos, no valor médio de 4,32.

Dos respondentes, 90% considera que a formação proporcionada pela Escola desenvolveu e preparou a sua capacidade de adaptação para o mundo do trabalho de modo favorável/muito favorável.

À questão: “Gostaria de frequentar outra formação na ESEnfC?”, 14 responderam “Sim” e 15 responderam “Talvez”.

As principais razões pelas quais recomendaria a ESEnfC a um amigo são: Qualidade das instalações; qualidade de ensino, rigor, inovação, recursos humanos e materiais; qualidade e disponibilidade dos docentes; programa curricular; oportunidades de aprendizagem, locais, nacionais e internacionais; projeto educativo enquadrado na realidade dos cuidados da Enfermagem dos dias de hoje; prestígio e excelência da Escola; o esforço contínuo da Escola em melhorar constantemente e solidamente.

Como sugestões de melhoria sobre o Curso ou sobre a Escola, salienta-se: apoio a estudantes para realização de ensinamentos clínicos fora do limite urbano da cidade; revisão do Ensino Clínico de Fundamentos de Enfermagem na Comunidade; retoma das 20 semanas de EC em contexto hospitalar no 2º ano; uma disciplina/módulo/ação de formação obrigatória sobre nutrição; disciplina de tratamento a feridas para todos os alunos e não opcional.

Opinião dos Licenciados pela ESEnfC em 2014, dois anos após o término do curso (julho 2016)

Foram obtidas 12 respostas, todas de respondentes do sexo feminino. A idade dos respondentes varia de 23 a 45 anos. As notas de final de curso referidas variam de 14 a 17 valores.

Todos os respondentes se encontram a trabalhar na área de enfermagem.

Quanto ao tipo de serviço: referem “unidades de cuidados continuados”, “serviço hospitalar” e “centro de saúde/USF/UCC”. Relativamente ao setor onde exerce a atividade profissional, há um predomínio do setor público administrativo.

Quanto à localização da instituição onde trabalha, 4 estão fora do distrito em que frequentaram o Curso, em Portugal Continental, 4 fora do país (Inglaterra) e 3 no distrito de Coimbra. Cinco respondentes alteraram o distrito de residência por questões do emprego.

Há seis respondentes que já trabalharam em outra(s) instituição(ões), que não a atual. Dois deles já trabalharam em três instituições. O tempo de serviço na atual instituição varia de um a 20 meses. O nível de satisfação laboral situa-se no valor médio de 4,18 (escala de 1 a 5, de nada satisfeito a muito satisfeito).

Os respondentes sentiram mais dificuldade no início da sua vida profissional em: adaptação à linguagem técnica; serem aceites pelos utentes por serem mais novos; falta de recursos humanos e patologias associadas à população sénior; adaptação aos métodos de trabalho da instituição.

O nível de satisfação médio dos graduados em 2014 (dois anos depois de terminar o curso), com o curso é de 4,33 e com a Escola é de 4,27.

Dos respondentes, 81,8% considera que a formação proporcionada pela Escola desenvolveu e preparou a sua capacidade de adaptação para o mundo do trabalho de modo favorável/muito favorável.

À questão: “Gostaria de frequentar outra formação na ESEnfC?”, 2 responderam “Sim” e 9 responderam “Talvez”.

As principais razões pelas quais recomendaria a ESEnfC a um amigo são a boa preparação profissional e a qualidade dos conteúdos teóricos.

Comentários/ Sugestões: É referido que a maioria dos professores da ESEnfC são excelentes. Sugerem avaliar, pesquisar e executar perante situações de patologias associadas, para poder gerir terapêutica por exemplo; e a facilitação de horários a quem estuda longe de casa.

5.2 – Comentário/análise dos resultados, apresentado pela Unidade Diferenciada de Apoio aos Novos Graduados

Relativamente aos resultados relativos à Opinião dos Licenciados pela ESEnfC em 2015, um ano após o término do curso (julho 2016) o Serviço de Apoio aos Novos Graduados considera os resultados apresentados quer quantitativos quer a opinião dos enfermeiros (...).

Sugestão de mudança (...). propomos (...).

6 – NOTA FINAL

A periodicidade e o rigor da recolha de informação foi uma constante e tivemos neste processo a participação de estudantes, docentes, não docentes, tutores de ensino clínico, enfermeiros chefes e diplomados pela ESEnfC, conforme pressuposto interno e correspondência ao quadro legal vigente.

O presente relatório apresenta apenas uma parte da realidade da ESEnfC, mas a dinâmica de todo o processo e os contributos da informação nele constante são fundamentais para a intervenção pró-ativa na melhoria do ensino e da qualidade em todas as áreas da Escola e consequentemente do seu Sistema Interno de Garantia da Qualidade. O conhecimento veiculado, através da perceção e opinião dos diferentes intervenientes, em particular da comunidade educativa, poderá contribuir para um empenho na procura de respostas mais efetivas às necessidades, garantindo níveis de satisfação e de desempenho mais elevados, respondendo à mudança e antecipando a própria mudança.

É devida uma referência ao grande investimento da ESEnfC no desenvolvimento de uma nova ferramenta para aplicação de questionários pelo CQA. Apesar do enorme potencial que lhe reconhecemos nem sempre foi possível garantir o seu funcionamento em pleno, pelo que numa ou noutra situação não dispusemos de dados relativos aos questionários aplicados ou os mesmos não foram aplicados. No entanto todas as questões identificadas foram reportadas aos programadores, com quem ao longo deste processo temos trabalhado em sintonia, e acreditamos que no ano letivo 2016/2017 teremos mais dados e possibilidade de diferentes formas de análise.

Este relatório incorpora dados/resultados recolhidos pelo CQA numa componente predominantemente descritiva e apresentada de forma sintetizada e algumas análises críticas recebidas pelo CQA. Das análises solicitadas apenas obtivemos resposta do Conselho Pedagógico sobre a integração dos estudantes, do Diretor do curso de licenciatura sobre a opinião dos estudantes e do SANG sobre a opinião dos novos graduados.

Conforme demonstram os resultados, é expressiva a quantidade de dados que se situam acima do valor médio, contudo não se exclui a necessidade de intervenções no sentido de uma melhoria contínua. Neste sentido, alguns aspetos pedagógicos merecem atenção particular.

Também o CQA tem atenção particular a alguns aspetos tentando equacionar medidas de melhoria respetivas, nomeadamente a baixa taxa de resposta a alguns questionários.

Em prol da persecução dos objetivos da ESEnfC e da consolidação da sua política de qualidade, conscientes de que as medidas de melhoria apenas são possíveis com o contributo de todos, o CQA fica aberto aos Seus relevantes contributos.